

Página
15

18/4/43:

KEYSERLING E O DINHEIRO

As viagens de Hermann, a contrário dessas, se não totalmente egoístas, pelo menos são sempre de comércio. Puramente de negócio e de propaganda "pro domo sua". Como bom mágico que é, ele não deixa escapar mais esse passe de cabala. Aproveita-os todos. E vai pessoalmente deslumbrar os seus fregueses e os seus livreiros. Leva a cada um a sua palavra comovida de agradecimento e incentivo. A empresa está em perigo! É preciso percorrer as agências espalhadas pelo mundo, a modo das visitas de inspeção das grandes firmas internacionais. E o "stock" vai-se acumulando por todos os centros urbanos do mundo.

E se algum dia as suas malas se abrissem de repente, todos veriam, com espanto, em vez de roupas e sapatos, somente uma enorme quantidade de livros. E livros de todas as cores e de todos os tamanhos. Em todas as línguas e de todos os editores. Cada país por onde ele passa vê-se, após a sua ida inundado com os seus livros e com as suas dedicatórias. Dedicatórias limpas, claras, uniformes. Ele não precisa de agências de publicidade. É ele próprio o seu melhor agente, em cada estação telegráfica, transmite uma notícia auspiciosa a seu respeito.

Não de forma tão clara e em sentido crítico, é lógico. Mas poderemos, sem grande esforço ou pesquisa, tirar argumentos da sua vida e da sua obra, que nos levam a adjetivá-lo como o fizemos linhas atrás.

Antes de mais nada, o mercantilismo ambulante de Keyserling. Como certas balanças ou telefones automáticos, o seu cérebro só funciona se lhe derem dinheiro. Sem o níquel fecundante, nem uma idéia brota daquele crânio meio calvo. Prova disso, ao que informa o Sr. Agripino Grieco em "Vivos e Mortos", encontra-se nas "Nouvelles Littéraires", de 4 de abril de 1925. Tratava-se de um inquérito que "Les cahiers du mois" iniciaram entre os grandes intelectuais da Europa sobre as relações do Oriente com o Ocidente, se existe perigo de predomínio do primeiro, se a civilização vai voltar à Ásia, etc.

A maioria dos consultados responderam imediatamente e de graça. Entre eles, estavam Romain Rolland, A. Gide, Valéry, H. Barbusse, H. Massis, Maeterlink, Maurois, P. Claudel, e outros. Keyserling limitou-se a mandar de volta o seguinte bilhete: "Estou de tal forma ocupado que não tenho tempo para responder às vossas perguntas. Meu ensaio "Ost und West auf Suche nach der gemeinsamen Wahrheit", publicado no livro "Philosophie als Kunst", responde, de resto, a todas as questões formuladas. Estou disposto a autorizar-vos a tradução integral desse ensaio, mediante o pagamento de duzentos marcos-ouro, preço mínimo dos meus artigos". Sem comentário, basta a clareza do texto...

EVARISTO DE MORAES FILHO

KEYSERLING é um "camelot" que faz mais anúncio dos seus produtos do que Bernard Shaw ou do que aquela drogaria que fica a noventa e três passos da avenida Rio Branco... Ele viaja muito. Mas não à maneira despreocupada dos verdadeiros turistas de espírito. Dos poetas, dos diletantes. De um Lafcadio Hearn, ou de um Paul Claudel, por exemplo. Dos que vivem eternamente em busca do elemento humano, simples, natural, direto, e que se confundem com ele em qualquer parte em que o encontram. Dos que tomam a cor local e se abandonam à vida de cada porto, sem se importarem com as suas superioridades de homem civilizado. De um Joseph Conrad, ou de Eugene O'Neill.

